

## Caio F. – Um diálogo contemporâneo

### *Caio F. – a contemporary dialogue*

Simone Damasceno Guardalupe<sup>1</sup>

**Resumo:** Caio Fernando Abreu, ao longo de sua carreira, mostra-se um escritor bastante crítico em relação à sociedade contemporânea, ao comportamento do homem e à sua condição diante de um mundo fragmentado e mecanizado. O escritor sul-rio-grandense utiliza-se de um universo simbólico para recriar a sociedade em seus contos e crônicas, por isso, o presente trabalho apoia-se na perspectiva da Teoria do Imaginário, de Gilbert Durand (2002) para analisar como se estabelece a relação entre escritor, sociedade e imaginário nos contos “Cavalos Brancos de Napoleão”, da obra *O Inventário do Ir-remediável*, e “Ascensão e Queda de Robhéa, Manequim & Robô”, da obra *O ovo apunhalado*, e na crônica “Em nome dos dragões”, pertencente ao livro *A vida gritando nos cantos*.

**Palavras-chave:** imaginário; literatura; Caio Fernando Abreu.

**Abstract:** Caio Fernando Abreu throughout his career shown a very critical writer in relation to contemporary society, the behavior of man and his condition before a fragmented and mechanized world. The South Rio Grande writer makes use of a symbolic universe to remake society in their stories and chronicles, and therefore uses the perspective of the Theory of the Imaginary, of Gilbert Durand (2002), in the present study to analyze how the relationship is established between writer, society and imaginary tales “Cavalos Brancos de Napoleão” the work *O Inventário do Ir-remediável*, and “Ascensão e Queda de Robhéa, Manequim & Robô”, the work *O ovo apunhalado*, and chronic “Em nome dos dragões”, belonging to book *A vida gritando nos cantos*.

**Keywords:** Imaginary; literature; Caio Fernando Abreu.

Recebido em 30 de junho de 2015.

Aprovado em 28 de julho de 2015.

O presente trabalho está inserido no projeto “Crítica e Imaginário na Literatura Sul-rio-grandense Contemporânea”, que tem como um de seus objetivos verificar como se estabelece a relação entre o imaginário e a literatura produzida no Rio Grande do Sul. A análise das obras literárias tem como referencial teórico os estudos sobre o imaginário realizados por Gilbert Durand. O pesquisador francês propõe uma linha de pesquisa sobre os

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestranda em História da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e bolsista da CAPES/FAPERGS. *E-mail:* [si.guardalupe@gmail.com](mailto:si.guardalupe@gmail.com)

símbolos utilizados pelo homem – o “trajeto antropológico do imaginário” – que considera os símbolos como produto das interações do meio sociocultural, psicológico e biológico do homem. Nesse sentido, podemos observar como se constitui o imaginário nas produções artísticas e literárias em relação ao contexto histórico, cultural e social de cada época.

A partir da perspectiva da Teoria do Imaginário, proposta por Durand (2002), serão analisados os contos “Cavalos Brancos de Napoleão” e “Ascensão e Queda de Robhéa, Manequim & Robô”, e a crônica “Em nome dos dragões”, todos do escritor Caio Fernando Abreu. Os três textos foram produzidos em épocas diferentes: o conto “Cavalos brancos de Napoleão”, pertence à obra *O Inventário do Ir-remediável*,<sup>2</sup> publicada em 1970; o segundo conto analisado pertence à obra *O ovo apunhalado*, publicada em 1976. A crônica “Em nome dos dragões” foi produzida na década de 1990 e publicada postumamente em 2012, no livro *A vida gritando nos cantos*. A escolha dos três textos produzidos em épocas diferentes é proposital, pois para a análise simbólica também será relevante o contexto em que a obra foi produzida, bem como dados sobre a produção literária do escritor Caio Fernando Abreu.

Na produção literária de Caio F.,<sup>3</sup> podemos observar que o escritor se vale de suas experiências pessoais e de suas impressões sobre a sociedade para recriar em sua literatura um universo simbólico que permite novas vivências e leituras, por isso é interessante analisarmos sua obra partindo de dados sobre o contexto histórico da produção literária. Nos três textos estudados podemos observar questões que estavam emergindo na sociedade durante o período em que foram escritos, como o esvaziamento das relações interpessoais e o consumismo. Tais questões ainda se fazem presentes em nossos tempos, confirmando assim a contemporaneidade da obra de Caio Fernando Abreu.

## 1 Caio F. e a sociedade brasileira

Durante as décadas de 1960 e 1970, a sociedade brasileira passava por transformações no âmbito social, cultural, econômico e político, como a expansão dos grandes centros urbanos, a desnacionalização da economia e o Regime Militar. Essas transformações da sociedade brasileira influenciaram a produção literária da segunda metade do século XX, entre elas destaca-se a de Caio Fernando Abreu.

Em relação aos sistemas econômicos e seu impacto na sociedade, a literatura de Caio Fernando Abreu recria tais sistemas a partir das vivências do autor. Nos três textos, percebemos que o escritor sul-rio-grandense procura explorar a efemeridade das relações, através do valor imediatista atribuído às pessoas e aos objetos.

O capitalismo ganha maior destaque na economia mundial, modelos como o Fordismo influenciam as novas relações de trabalho, consumo e produção. Desse modo, o modelo de produção e consumo em massa também se traduz na efemeridade, tanto dos produtos expostos nas vitrines quanto das relações humanas.

Além de expressar, através do imaginário, as relações sociais de sua época, Caio F. também recria simbolicamente em seu conto “Ascensão e Queda de Robhéa, manequim e

---

<sup>2</sup> Essa obra foi publicada em 1970 com o título *O Inventário do Irremediável*, sendo reeditada pelo autor e republicada em 1995 com o título *O inventário do Ir-remdiável*.

<sup>3</sup> Caio Fernando Abreu também assinava Caio F., por isso, este trabalho também se utilizará dessa designação ao evocar o escritor.

robô” o contexto do Regime Militar e suas consequências para a sociedade brasileira.

Flávio Loureiro Chaves (1976, p. 14) apresenta uma síntese sobre o estilo literário de Caio Fernando Abreu ao definir que o escritor se preocupa em fazer o depoimento de sua geração, marcando-o com a urgência das coisas que não esperam para serem ditas artificialmente, traduzindo esse depoimento na violência das situações e na atmosfera opressiva que envolvem as suas personagens. Essa violência das situações possui origem nas raízes da rotina, na banalidade e na implacável organização de um mundo mecanizado. Tais características apontadas por Loureiro são identificadas nos contos “Cavalos Brancos de Napoleão” e “Ascensão e Queda de Robhéa, Manequim & Robô”, e na crônica “Em nome dos dragões”.

Nos dois contos e na crônica analisada observa-se a criação de um mundo simbólico que faz alusão à sociedade e ao homem contemporâneo. No conto “Cavalos brancos de Napoleão”, por exemplo, a loucura do protagonista da história expressa uma crítica à sociedade moderna e capitalista, à robotização humana e à solidão causada pela falta de compreensão e pelo egoísmo.

As mesmas críticas que observaremos na análise do conto “Cavalos brancos de Napoleão” também são expressas na crônica “Em nome dos dragões”, e no conto “Ascensão e Queda de Robhéa, Manequim & Robô”, porém, este último também revela impressões sobre a sociedade brasileira durante o período do Regime Militar. É pela reconstrução da realidade da sociedade contemporânea na literatura que observaremos a seguir o valor simbólico da obra de Caio Fernando Abreu, como ressalta Flávio Loureiro (1976, p. 14)<sup>4</sup>:

O discurso não é simples constatação do espaço reconhecido, nem a mera renúncia da sua engrenagem, mas uma narrativa em seu sentido existencial: a constituição de um universo autônomo, só compreensível em suas próprias leis, da singularidade das personagens e da linguagem que as expressa. É este, aliás, o ponto crucial a ser assinalado na prosa de Caio Fernando Abreu – a originalidade linguística que alcançou.

Por isso, a obra de Caio F. possui grande relevância, principalmente pelas temáticas abordadas. Ler a obra do escritor sul-rio-grandense nos permite compreender não só suas impressões sobre a vida, mas também compreender o contexto sócio histórico em que o autor viveu.

## 2 Um Napoleão moderno

No conto “Cavalos Brancos de Napoleão”, pertencente à obra *O inventário do irremediável*, o protagonista Napoleão é um advogado que vive uma rotina de um homem moderno: trabalha, tem família e prestígio social. Ao passar as férias em uma praia, Napoleão começa o processo de evasão do mundo real. Essa evasão do advogado se dá pela loucura que se revela quando o mesmo começa a enxergar cavalos brancos.

Durand (2002, p. 73) comenta que o aparecimento da animalidade na consciência humana é um sintoma de uma depressão da pessoa até os limites da ansiedade. Ao ler o conto percebemos que os cavalos que Napoleão enxerga podem ser considerados como o fruto de

---

<sup>4</sup> Reportagem publicada na época do lançamento do livro *O ovo apunhalado*.

seu subconsciente e de sua depressão.

O Napoleão contemporâneo do conto de Caio F. é um advogado que enfrenta batalhas judiciais e acumula riquezas. As batalhas de Napoleão, porém, não se restringem somente às ações judiciais, mas também a batalhas familiares e consigo mesmo. As primeiras descrições que o narrador faz sobre o advogado evidenciam o contexto que o levou a evadir-se da realidade por meio de sua imaginação:

Antes, antes de tudo, Napoleão era advogado. Carregava consigo um sobrenome tradicional e as demais condições não menos essenciais para ser um bom profissional. Sua vida se arrastava juridicamente, como se estivesse destinado à advocacia. Em sua própria casa, à hora das refeições, todos os dias sempre se desenrolavam movimentadíssimos julgamentos.

Dos quais ele era o réu. Acusado de não dar um anel de brilhantes para a esposa nem um fusca para o filho nem uma saia maryquantiana para a filha [...] Entre papéis de defensor e acusado, dividia-se em paciência. Nome nos jornais, causas vitoriosas, vezenquando faziam-no sorrir gratificado, pensando que, enfim, nem tudo estava perdido, ora. Mas estava. (ABREU, 1995, p. 13 -14)

A evasão revela-se uma inconformidade com o que está ao seu entorno; os cavalos brancos são o fruto do subconsciente do advogado que, embora pareça viver uma vida feliz e realizada, mostra, em seu interior, a existência de infelicidade e angústia em relação aos rumos de sua vida.

A vida do advogado e sua convivência familiar revelam uma crítica ao comportamento da sociedade capitalista: Napoleão esforça-se para prover bens materiais para sua esposa e filhos que retribuem com cobranças. Ao reconhecer o mundo materialista no qual estava inserido, o advogado passa a enxergar cavalos brancos que se tornam seus únicos amigos:

O fato é que ele não sabia. Não sabendo, não podia lutar. Não podendo lutar, não podia vencer. Não podendo vencer, estava derrotado. Um derrotado em potencial, pois ele viu pela primeira vez. Deu-se nas férias, na praia, quando olhou para as nuvens. E o fato de ter visto exatamente cavalos ainda mais exatamente, brancos - talvez tivesse mesmo a ver com seu nome, como mais tarde insinuaram os psiquiatras. (ABREU, 1995, p. 15)

Primeiramente, Napoleão pensa que todos enxergam os cavalos, e ao perceber a indiferença de sua esposa com o que está presenciando, o advogado “afunda” na paisagem:

O que ela não percebia é que os animais estavam além (ou aquém) das nuvens. E entre elas passavam, ora galopantes, ora trotando, uma brancura, uma pureza tão grande - equinidade absoluta nos movimentos. Tanta que Napoleão piscou, comovido. E começou a afundar. Porque ver é permitido, mas sentir já é perigoso. Sentir aos poucos vai exigindo uma série de coisas outras, até o momento em que não se pode mais prescindir do que foi simples constatação. (ABREU, 1995, p. 15)

A imersão do advogado revela o começo da evasão de sua realidade, pois a família e o que está a sua volta já não são mais vistos como antes do encontro com os animais. Napoleão passa a considerar o mundo e a sua própria família como algo vulgar e inferior, fazendo com que a amizade dos cavalos seja imprescindível para a sua existência, como observamos no trecho:

De volta à areia, Napoleão olhou com certa superioridade para a esposa, achando-a vulgar naquela falsa moreneza tão oposta à brancura dos cavalos. [...] Tranquilo, então, ele os(as) amava. Voltava banhado em paz, rosto descontraído, sorrindo para os animais alojados no fundo de suas próprias pupilas. Mulher, filhos, criados, visitas, vizinhos surpreendiam-se ao vê-lo crescer dia a dia em segurança e força. (ABREU, 1995, p. 15-16)

A paz e a amizade que os cavalos brancos transmitiam a Napoleão acabam quando ele volta à sua rotina dos tribunais e, em determinada audiência os cavalos ressurgem, porém o repudiam. O repúdio dos cavalos a Napoleão durante a audiência reafirma que os cavalos são fruto da sua consciência, pois a atitude de defender um matricida em troca de dinheiro é reprovada pelos cavalos:

Mas eles voltaram. Entraram pela janela aberta do tribunal num dia em que ele estava especialmente inflamado na defesa de um matricida. A princípio ainda tentou prosseguir, fingiu não os ver, traição, opção terrível, entre o amor e a justiça, como na telenovela a que sua mulher assistia. Eles não estavam doces. Depois de entrarem pela janela, instalaram-se ríspidos entre os jurados. De onde observavam, secos, inquisidores. Sem sentir, Napoleão começou a falar cada vez mais baixo, mais lento, até a voz esfarelar-se num murmúrio de desculpas, em choque como murmúrio de revolta crescendo dos parentes do réu. Napoleão olhou ansioso para os cavalos, que não fizeram nenhum gesto de aprovação ou ternura. Rígidos, álgidos: esperavam. (ABREU, 1995, p. 17)

O olhar dos cavalos faz com que o advogado se sinta repreendido. Em uma perspectiva simbólica, tem-se o símbolo da revelação, tanto de quem olha quanto de quem é olhado. É ao olhar os cavalos que Napoleão reconhece sua solidão e seu desconforto diante de um mundo fragmentado. O ato de ser olhado pelos cavalos no tribunal também revela um repúdio à ambição desmedida e ao materialismo.

Os cavalos brancos são ao mesmo tempo sua loucura e sua consciência de que o dinheiro não compra a paz, o amor e a amizade. Napoleão, ao perceber que perdeu seus amigos, atormenta-se e morre em decorrência da loucura. Como último desejo, quer ser conduzido ao cemitério num coche puxado por sete cavalos brancos: “Sobre a mesinha de cabeceira, em tinta azul, ficava sua última (ou talvez a primeira) exigência. Queria ser conduzido para o cemitério num coche por sete cavalos. Brancos, naturalmente”. (ABREU, 1995, p. 20)

O cavalo, em várias culturas, possui simbologia ligada à morte. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1991, p.203), o cavalo branco abandona suas origens sombrias para elevar-se até os céus em plena luz. Essa interpretação aplica-se à cena da morte de Napoleão, pois o advogado alcança a transcendência e a plenitude que os bens materiais não lhe deram.

Os sete cavalos brancos possuem uma simbologia ligada à ascensão porque o número sete indica uma mudança após um ciclo concluído e uma renovação positiva. Os cavalos brancos são símbolos da beleza, do domínio do espírito sobre os sentidos. Segundo o texto do Apocalipse, os exércitos do céu cavalgam em cavalos brancos e, em alguns afrescos, veem-se miniaturas de anjos montados em cavalos (CHEVALIER; GHEERBRANT 1991, p. 211). Por isso, podemos concluir que Napoleão, ao rejeitar a realidade materialista e sem virtudes, está transcendendo para uma vida espiritual e plena como observamos na passagem:

Tempos depois o zelador espalhou pelas redondezas que vira um homem estranho, nu em pêlo, cabelos ao vento, galopando em direção ao Crepúsculo montado em amáveis cavalos. Brancos, naturalmente (ABREU, 1995, p. 20).

A morte de Napoleão simboliza a libertação, como afirmam Chevalier e Gheerbrant (1991, p.622.) “libertadora das penas e preocupações, ela não é o fim em si mesma, abrindo o acesso ao reino do espírito à vida verdadeira”.

A evasão e a loucura de Napoleão já eram tipos de morte, uma morte que não é física, mas que afasta o advogado do mundo real, onde o homem está condicionado a obrigações com a família, com o emprego, com a sociedade em geral. Um mundo em que, ao mesmo tempo que o homem tem grandes responsabilidades, está sozinho, vivendo uma vida que lhe é imposta, como percebemos na passagem em que o narrador do conto declara que a vida de Napoleão se arrastava juridicamente, como se estivesse destinado à advocacia. Nessa passagem, o leitor percebe que a origem social do protagonista o condiciona à determinada profissão, a presentear sua esposa e seus filhos com objetos caros, a sempre se destacar e ser o melhor em seu ofício, com o intuito de que seu nome estivesse presente nos jornais e revistas.

O comprometimento de Napoleão em ser aceito pela sociedade, em ser o melhor e em acumular riquezas de maneira egoísta e sem princípios morais pode ser associado com a temática explorada no conto “Ascensão e Queda de Robhéa, Manequim & Robô”, principalmente através da personagem Robhéa, que, assim como Napoleão, também sofre as consequências de uma sociedade com valores materialistas e efêmeros.

### 3 Robhéa: um estigma da modernidade no Brasil

O conto “Ascensão e Queda de Robhéa, Manequim & Robô”, publicado no livro *O ovo apunhalado*, traz um universo que faz alusão ao que estava acontecendo com a sociedade brasileira da década de 1970: a repressão do regime militar e as transformações sociais e econômicas causadas pela disseminação do Capitalismo pós-guerra.

Segundo Zilberman (1991, p. 93), a tomada do poder pelo Exército brasileiro foi apoiada por vários setores civis que, interessados no alinhamento do país com o capitalismo industrial, não aceitavam os rumos populistas e posicionamentos anti-imperialistas adotadas pelo governo desde a eleição de João Goulart. Tais características do cenário político influenciaram a produção cultural, inclusive a literatura. O governo militar no Brasil, além de impor sanções à liberdade de expressão, também investigava e reprimia grupos suspeitos de “subverter” a ordem social. O mesmo controle ocorria com a sociedade recriada por Caio F. em seu conto, a qual está sob forte ataque de uma “epidemia” que o governo tenta combater. O combate do Poder à epidemia, no conto, corresponde à repressão do Regime Militar. As imagens evocadas pelo narrador no início do conto já nos dão uma pista da referência à repressão: policiais nas ruas, ciladas preparadas para surpreender os “doentes”.

A epidemia que assola a sociedade do conto faz com que os indivíduos se comportem de maneira “anormal” e o Poder tenta moldar os indivíduos que transgridem o sistema valendo-se da violência:

Não foi fácil contê-los. No sétimo dia morriam pelas esquinas em estilhaços metálicos e ruídos de ferragens. A epidemia se alastrara de tal modo que se tornara excessivamente fácil surpreendê-los. Os policiais nem mais se preocupavam em

armar ciladas, disfarçando-se de civis para acompanhar e prevenir a evolução da peste. *Os doentes* – assim haviam sido chamados pelo Poder - não suportavam o processo por mais de sete dias. (ABREU, 1992, p. 31)

O primeiro sintoma da “doença” era a mutação que transformava os humanos em máquinas, com o estilhaço dos olhos, o enfraquecimento do cérebro e, por último, o enfraquecimento dos membros, levando os indivíduos infectados a caírem pelas ruas. A única solução para os mutantes seria afastar-se da cidade, pois o Poder ordena o fechamento das oficinas mecânicas e a retirada de estimulantes das farmácias a fim de evitar que os mutantes sobrevivam por muito tempo:

O Poder retirou das farmácias todo o estoque de estimulantes, e ordenou o fechamento de todas as oficinas. Legiões fugiam em direção ao campo, corriam boatos que a proximidade com as máquinas urbanas era o que provocava as mutações. Mas sabendo da possibilidade de se formarem grandes comunidades entre as cidades, o Poder fechou todas as saídas. (ABREU, 1992, p. 32)

Ao proibir a sobrevivência dos “doentes”, o Poder garantia, assim, a manutenção do comportamento da sociedade. Os efeitos da falta de cuidados culminam na queda dos doentes. Essa queda corresponde à queda dos valores e dos interesses individuais da sociedade diante de uma nova organização social, de uma nova forma de agir e de pensar autoritária.

Um dos principais sintomas da queda dos infectados é o estilhaço dos olhos, que são o símbolo da percepção intelectual. Podemos afirmar que o Poder, ao negar a assistência aos “doentes”, está querendo exterminar os indivíduos que pensam, percebem a realidade e se rebelam contra o sistema.

A personagem Robhéa, que surge na terceira parte do conto, reafirma o conceito de que os “doentes” percebiam o sistema de controle e consumismo mantido pelo poder, pois, mesmo salvando-se do extermínio dos “doentes” e obtendo uma carreira de sucesso, a robô rebela-se contra o sistema ao se isolar da sociedade em uma ilha inacessível:

A jovem, conhecida artisticamente como Robhéa, alcançou um sucesso espantoso, galgou todos os degraus da fama em pouquíssimo tempo, acabando por filmar com os cineastas mais em voga no momento, ganhando prêmios e mais prêmios em festivais internacionais e sendo eleita a rainha das atrizes durante cinco carnavais seguidos. Foi no último carnaval que, sem dar explicações, ela fugiu abruptamente do baile, espatifando a fantasia e dizendo em inglês que queria ficar sozinha. Retirou-se para uma ilha deserta e inacessível, onde viveu até o fim de seus dias. (ABREU, 1992, p. 35-36)

Robhéa é a única sobrevivente da epidemia, tornando-se modelo de sucesso devido à ajuda de um estilista. O seu sucesso é uma crítica à sociedade consumista que materializa e comercializa qualquer objeto e pessoa em função do lucro<sup>5</sup>. A personagem, assim como os restos mortais das pessoas que sucumbiram à epidemia, é um produto de comercialização.

---

<sup>5</sup> A comercialização da imagem do robô e dos estilhaços dos “doentes” pode ser comparada à comercialização da imagem de diversos personagens históricos, como, por exemplo, a de Che Guevara, pois o herói foi perseguido e morto pelo governo militar colombiano e atualmente, sua imagem é amplamente comercializada em artigos de decoração e de vestuário.

Seus pedaços eram recolhidos pelos caminhões de limpeza e encaminhados aos ferros-velhos, onde seriam vendidos como sucata. Esperava-se também que a epidemia fosse completamente esquecida pela faixa normal da população e futuramente braços e pernas pudessem ser utilizados como objetos decorativos. Esperava-se ainda industrializar estilhaços dos olhos para transformá-los em contas coloridas que seriam usadas na confecção de colares para serem vendidos a turistas ávidos de exotismo. [...] Os costureiros lançaram a linha-robô, com roupas inteiramente de aço e maquiagem metálica, os oculistas criaram novas lentes de contato acrílicas, especialmente para dar aos olhos o efeito de vidro. [...] Tornou-se extremamente chique freqüentar oficinas mecânicas. (ABREU, 1992 p. 32-33)

A ascensão e queda às quais o título do conto faz referência não corresponde ao sucesso de Robhélia como modelo e ao seu isolamento. A ascensão de Robhélia acontece quando a modelo abandona sua carreira, o luxo e a ostentação para viver isoladamente, longe do sistema imposto pelo Poder, longe do consumismo que desumaniza o ser humano tornando-o um mero produto exposto nas vitrines de lojas. Chevalier e Gheerbrant (1991, p. 92), ao falar sobre a simbologia da ascensão, conceituam-na como uma operação divinatória e profilática, destinada a salvar um doente, encontrando-lhe a alma roubada por um espírito. A ascensão de Robhélia é o isolamento da sociedade e também a salvação de sua alma que foi corrompida quando o estilista a tornou um ícone da moda. Todavia, a queda da modelo não seria o fim de sua carreira, mas o período em que aceita comercializar sua imagem e age de acordo com os moldes impostos pelo sistema capitalista.

A correspondência entre o título do conto de Caio F. e o desfecho da personagem pode ser vista como uma inversão dos conceitos de “ascensão” e “queda”, pois, durante uma primeira leitura, podemos considerar que a ascensão corresponderia ao sucesso da manequim e a sua queda corresponderia ao seu isolamento e suicídio, mas o narrador inverte este conceito, fazendo com que a ascensão ocorra após sua queda.

Durand (2002, p. 203) comenta sobre o processo de reconstituição do positivo: por uma negação ou por um ato negativo se destrói o efeito de uma primeira negatividade. A inversão entre um ato negativo e um ato positivo que Durand conceitua pode ser estendida à atitude de Robhélia, que, após deixar-se moldar pelo sistema, abandona sua carreira de modelo. Nesse ato a robô está ascendendo, pois poderá ser quem realmente deseja, não agindo mais conforme os interesses dos agentes do sistema, como o estilista, os veículos de comunicação ou o Poder.

Robhélia, ao isolar-se da sociedade, aproxima-se do personagem Napoleão, do conto “Cavalos brancos de Napoleão”, pois o isolamento da sociedade é também uma forma de se evadir da realidade. Robhélia, assim como Napoleão, está descontente com a sociedade em que está inserida, o que observaremos, também, na crônica “Em nome dos dragões”.

#### **4 Gordura do real**

Na crônica “Em nome dos dragões”, observamos que o narrador-personagem se refugia da realidade que o cerca por meio de seu sono. É quando dorme que o personagem sonha e consegue absorver os elementos negativos da vida contemporânea, como a violência, o consumismo e a rotina de trabalho. Assim, observamos na passagem a seguir, que o narrador



revela que está dormindo e sonhando mais e demonstra certo inconformismo com o mundo real:

Nos últimos tempos, dera para dormir e sonhar demais. Mas não conseguia ir adiante nesse pensamento, por que quando pensava nos “últimos tempos” outra parte da cabeça imediatamente perguntava- quando? Então, um pouco hesitante, respondendo a própria pergunta, dizia-se assim: desde - ai, que dor! - desde que a realidade começara a engordar. (ABREU, 2012, p. 43)

O narrador relata que a “gordura” está tomando conta do cotidiano das pessoas nos últimos tempos, evitando que gestos simples – como levar e tirar o cigarro da boca, suspirar ou pensar qualquer coisa olhando as ruas da cidade – aconteçam ou tenham o mesmo sentido de antes. Observamos que a crônica apresenta uma crítica à modernidade, à rotina acelerada das pessoas nas grandes cidades, à falta de tempo, a uma fragmentação do ser humano.

A gordura que invade a realidade do narrador está ligada ao símbolo do sacrifício e da abundância<sup>6</sup>. O sacrifício do personagem está na insatisfação de sua realidade, já a abundância, percebemos que ela se refere ao consumismo, ao excesso de atividades e responsabilidades que a realidade impõe ao homem:

A realidade ficando cada vez mais inchada, repleta de copos de plástico transbordantes de refrigerantes [...]. Atos e pensamentos eram pedaços de pêssego, goiabada, nacos de carne de porco ou carneiro boiando no molho informe do cérebro. (ABREU, 2012, p. 43)

É durante o sono do narrador da crônica que os dragões apareciam e lhe transmitiam a paz que acordado não consegue ter: “Talvez porque apenas no sono e no sonho aquela graxa do cotidiano dissolvia-se pouco a pouco até o completamente, para dar passagem aos dragões”. (ABREU, 2012 p. 43)

Os dragões, em várias culturas, são guardiões de tesouros ocultos que podem ser relacionados aos sentimentos do protagonista, como a melancolia e o saudosismo de uma época em que as pessoas tinham tempo para se distrair e prestar atenção na beleza dos lugares e das próprias pessoas.

A ação de passar mais tempo dormindo – e sonhando – é criticada por uma parte de seu subconsciente, revelando uma forma racional de repudiar o que foge do padrão da sociedade mecanizada e fragmentada.

Dormia cada vez mais cedo e acordava cada vez mais tarde. A única forma de eliminar a insustentável gordura do tempo real seria enchê-la de dragões em tempo integral? Era tão perigoso. Porque aquela outra pane da cabeça, aquela parte cúmplice da gordura, de coque e minissaia, entre o professoral e o perua, aconselhava “Meu bem, se você continuar a se distanciar assim do real-objetivo, você vai mais é se f...”. (ABREU, 2012 p. 44)

A descrição que o narrador faz sobre a parte do inconsciente do personagem “professoral” e “perua”, mostram um lado doutrinário e controlador que faz com que os

---

<sup>6</sup> Segundo Chevalier e Gheerbrant (1991, p. 475), a gordura para os povos caçadores constitui a materialização dos poderes particulares de um animal. Por isso a gordura constitui o símbolo da riqueza e da abundância, sendo utilizada em várias cerimônias.

homens sigam as regras do sistema ou do “real-objetivo”, que é a produção, o consumo e o pensamento lógico.

Ao ignorar a parte “racional” do seu subconsciente e se refugiar em seu sonho, o narrador está, de certo modo, isolando-se de uma realidade que não o satisfaz.

## **5 Considerações Finais**

Nos três textos de Caio F., percebemos que os finais de seus protagonistas são semelhantes: todos, de alguma forma, evadem-se da realidade que os cercam. A evasão ocorre tanto na loucura de Napoleão, no isolamento de Robhéa e nos sonhos do personagem da crônica “Em nome dos dragões”. Essa evasão reflete o sentimento de desconforto dos personagens que não se adaptam a um mundo violento, ganancioso e solitário.

Se Caio Fernando Abreu é um escritor que procura testemunhar as angústias de sua geração na sua produção literária, os três textos analisados representam as várias formas de o escritor se expressar por meio do simbólico. Enquanto Napoleão agia de acordo com as regras da sociedade, trabalhava a fim de garantir a conquista de bens materiais para sua família, Robhéa servia como um veículo de divulgação dos ideais consumistas, de tentativas de moldar a cultura e o pensamento dos indivíduos.

Já na crônica “Em nome dos dragões”, escrita mais de uma década depois do primeiro e do segundo conto analisados, observamos o mesmo olhar crítico do autor sobre a sociedade contemporânea. O sonho do narrador da crônica representa uma aversão ao consumismo, ao capitalismo e também ao caos e à violência das grandes cidades.

Nos textos analisados, percebemos que as críticas principalmente em relação ao consumismo, à violência e à fragmentação do homem nos grandes centros urbanos ainda são pertinentes, embora o escritor tenha falecido há quase vinte anos. Como afirma Sonia Coutinho (1988) em entrevista com Caio F.: “Apesar de tudo, ele diz que sua preocupação literária é com o tempo presente, quer fotografar o agora. Gostaria que as pessoas saíssem da leitura de seus livros com a sensação de que tudo continua acontecendo ali na esquina, praia, dentro do bar”.

Além das temáticas, percebemos que os três textos analisados também possuem símbolos em comum, como, por exemplo, o olhar dos personagens que revela uma criticidade em relação ao mundo real. É ao olhar os cavalos brancos que Napoleão começa a rever suas atitudes, enquanto o olhar dos cavalos dirigido a Napoleão revela um julgamento moral. O simbolismo do olhar ainda está presente na história de Robhéa, pois é ao olhar o ambiente no qual estava inserida que a personagem foge para uma ilha isolada. Na crônica “Em nome dos dragões”, assim como nos outros dois textos, é também o olhar crítico do narrador sobre o mundo que o faz buscar refúgio nos sonhos.

Nos três textos, a simbologia do olhar também pode ser estendida às opiniões que a sociedade emite sobre os protagonistas da história, revelando uma incompreensão das atitudes de Napoleão ao não defender uma causa que seria rentável, ou das atitudes de Robhéa ao abandonar a riqueza, a fama e o prestígio que sua profissão lhe trazia, ou das atitudes do narrador da crônica, que passa a maior parte do dia imerso em seus sonhos.

O olhar está associado à busca pela transcendência dos personagens. Segundo Durand (2002, p. 151), o olhar seria o “símbolo do julgamento real, da censura do superego, enquanto o olho não passaria de um símbolo enfraquecido, de uma vulgar vigilância [...] seja como for,

olho e olhar estão sempre ligados à transcendência”. Tal conceito pode ser observado nas ações dos protagonistas dos três textos de Caio F., porque é através da observação do mundo e de suas próprias atitudes que os personagens começam a busca pela transcendência da realidade que os cerca.

Podemos concluir, portanto, que a linguagem simbólica associada aos temas presentes nos três textos analisados ressaltam o valor simbólico da produção literária de Caio Fernando Abreu. Esse valor reafirma a qualidade estética da obra do escritor sul-rio-grandense e a atualidade temática de seus textos.

## Referências

ABREU, C. F. *A vida gritando nos cantos*. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.

ABREU, C. F. *O inventário do ir-remediável*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

ABREU, C. F. *O ovo apunhalado*. São Paulo: Siciliana, 1992.

CHAVES, F. L. O Ovo e a urgência de dizer. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 maio 1976. Caderno de sábado, p 16.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

COUTINHO, S. Ficção nos tempos de cólera. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 mai 1988. Caderno segundo, p. 5.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ZILBERMAN, R. *Brasil: Cultura e literatura nos anos 80*. *Organon*; Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 17, p. 93-103, 1991.